



AS PRÁTICAS CULTURAIS DOS(AS) MIGRANTES NORDESTINOS(AS) PRESENTES NO CTN E NA CASA NORDESTINA (1989-2017)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3781

Clecita Maria Moises, UFGD

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre o patrimônio imaterial dos migrantes nordestinos e a relação com o Centro de Tradições Nordestinas “Asa Branca” e a Casa Nordestina. Apresenta também os saberes das mulheres na elaboração dos pratos servidos nos eventos promovidos pelas entidades. Para o desenvolvimento do trabalho privilegiamos a História Oral, pois, acreditamos que essa metodologia possibilita uma maior compreensão das representações culturais perpetuadas pelos migrantes e utilizadas na Instituição – CTN, como forma de obter reconhecimento social. Ou, seja, analisa a partir das memórias dos migrantes nordestinos como os saberes, principalmente, os da culinária foram investidos de valores simbólicos/positivos e serviram para unir e dar coesão a um grupo de migrantes e descendentes de nordestinos que se uniram em torno de um objetivo comum — considerado por eles relevante — fundar uma instituição com o intuito de fortalecer a identidade nordestina e conquistar visibilidade na sociedade douradense. É a partir desse patrimônio imaterial que apresentamos as práticas culturais, tradições e os locais onde a cultura nordestina está presente na cidade, CTN e a Casa Nordestina (1989). Para tanto, exploraremos quais saberes são estes e como eles estão presentes no cotidiano dos narradores, não sendo meras “tradições inventadas”. Destacamos, o papel determinante da mulher nordestina na preservação desses saberes inseridos nos eventos desses lugares (CTN e Casa Nordestina), os quais podemos considerar lugares de memória de nordestinos na cidade de Dourados-MS. Para tanto, exploraremos quais saberes são estes e como eles estão presentes no cotidiano dos narradores, não sendo meras “tradições inventadas”.

Palavras Chave:

Patrimônio cultural;
Identidade; Memória.

Introdução/Justificava

A identificação e a preservação do patrimônio cultural imaterial, no contexto mundial, passa a ser pensado objetivamente, embora de forma tímida, pelas comunidades étnicas e pelos mais diversos grupos sociais, a partir dos anos de 1980. No Brasil, essa questão ganha amparo legal com a Constituição Federal (CF) de 1988, o artigo 215, reza que: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”, já o artigo 216, garante que “os bens portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” passam a ser considerados, em toda sua diversidade, como patrimônio cultural¹. Essa deliberação da CF, contribuiu de forma significativa para grupos sociais distintos, criar uma consciência cultural e se voltarem ao passado e as suas origens, buscando através da memória às vivências e experiências relativas à cultura, valorizando, costumes, hábitos e crenças. Esses movimentos de salvaguardar elementos culturais são utilizados também como forma de fortalecer identidades, defender direitos à cidadania e garantir espaço nas sociedades ao quais os sujeitos sociais estão inseridos, funciona também como meio de combater preconceitos. Nesse sentido, PELLEGRINI (2009, p. 23), aponta que:

[...], os bens culturais tomados como ‘legado vivo’ que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras, reúnem referenciais identitários, memórias e histórias – suporte preciosos para a formação do cidadão.

Portanto, entendemos que as

identidades se forjam e se fortalecem a partir da memória, “ela exerce um poder incomensurável na construção de uma identidade de grupos” (CARDOSO E VAINFAS, 2012, p. 25), determinando a escolha de alguns elementos culturais nos quais os indivíduos se veem representados, em detrimento a outros. A memória é o instrumento que, embora em constante construção, exerce a função de coesão e unificação de elementos materiais e imateriais valorizados por determinadas comunidades étnicas e sociais, principalmente, quando há riscos de forças externas abalar as estruturas culturais que unem o grupo e que lhes conferem certas particularidades.

Nesse sentido, verificamos que alguns elementos da cultura imaterial preservados pelas memórias dos(as) migrantes nordestinos(as), são importantes para entendermos as forças e o poder que esses elementos exercem na construção de identidade desse grupo social estudado e são meios utilizados para promover a união e a coesão, ao compartilharem de memórias e experiências, esses indivíduos passam a valorizar certos elementos culturais, que, por alguma razão, consideram importantes e por isso devem ser lembrados, revividos e passados para as futuras gerações.

No CTN e na Casa Nordestina, esses elementos normalmente são utilizados simbolicamente como forma de representação social, pelos quais os sujeitos sociais se sentem reconhecidos. Na fala de Celia Maria, vemos esse sentimento de reconhecimento: “Muita gente chega pra mim e pergunta [grifos meus]: Você é do CTN? Tipo, então você é nordestina”. Portanto, exploramos as memórias dos narradores para compreender como certas práticas culturais dos migrantes nordestinos são utilizadas para dar sustentação ao processo

¹ CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988, art. 215, art. 216: Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/>

<[Constituicao Federal art 216.pdf](#)>. Acesso em: 11 jul. 2017.

de luta por espaço e reconhecimento social.

Na perspectiva de compreender as práticas culturais presentes nos eventos de desses estabelecimentos – CTN e Casa Nordestina –, analisamos as narrativas orais dos envolvidos no contexto histórico desses lugares, e, é a partir dos fragmentos dessas memórias que tecemos a história. Apresentamos a importância das mulheres nordestinas nesse contexto, uma vez que estas se configuram como as guardiãs de saberes, principalmente, da culinária e desempenham um papel relevante nos anos iniciais das atividades de ambos os lugares. As fontes utilizadas foram coletadas para o desenvolvimento do texto final de dissertação de mestrado que se encontra em fase de construção.

Experiências, vivências e saberes de uma migrante nordestina no contexto histórico da Casa Nordestina

Entendemos que as migrações não se fazem de modo espontâneo, esses deslocamentos territoriais no mundo contemporâneo, se fazem em vários contextos; políticos, sociais e econômicos e pelos mais variados motivos; fome, guerras, perseguições religiosas, entre tantos outros. Nos estudos de Sayad (1979), sobre as migrações argelinas para a França, o autor aponta, entre outras questões, que os migrantes são bem-vindos e desejados pelas sociedades que os recebe, como força de trabalho, entretanto, o migrante ao se estabelecer percebe-se como sujeito social, com direitos e luta pelo reconhecimento desses direitos, incluindo o direito de ser diferente culturalmente.

Na análise do contexto migratório de nordestinos para a região de Dourados-MT-MS, constatamos que as

famílias oriundas do Nordeste migram em busca de lugares que lhes proporcione maior estabilidade, ou outras formas de realizarem seus projetos, algumas famílias vêm com algum capital para investir, outras fogem da miséria e da fome que a seca provoca, esses buscam meios de sobrevivência. Esse é o caso do casal, senhor César e senhora Antônia, que pela necessidade de sobrevivência, em 1989, criam a Casa Nordestina. O casal buscava, naquele momento, um meio que lhes garantisse renda. Chegam a região do MT-MS em 1971, originários da região do agreste cearense, Assaré-CE, onde eram camponeses, vieram como retirantes da seca, fixam-se, inicialmente, em Vicentina-MT-MS, com três filhos e sem capital algum para se manterem e alimentarem os filhos.

Desse período, a renda da família provinha do ofício de costureira e do trabalho do marido no campo, como lembra a senhora Antônia²: “Ele [o esposo, senhor César] trabalhando na roça e eu costurando. Costurava até de madrugada, com a lamparina acesa”³. O uso prolongado da lamparina, segunda ela, quase a deixa cega: “Eu já estava quase cega, não sei, acho que foi a fumaça da lamparina”, ela vai a São Paulo-SP fazer uma cirurgia no olho, no retorno resolve trazer roupas para vender: “O dinheiro que sobro [da viagem], comprei de roupa [roupa] e comecei a vende, ai eu vendia roupa[roupa] e costurava, vendia roupa[roupa] e costurava, né. Aí, depois ele saiu de onde trabalhava, aí, eu insisti até que ele veio trabalha comigo”⁴.

Observamos no relato uma história de luta pela sobrevivência e resistência às adversidades, contudo, vale ressaltar que ao reviver o passado, embora, essas memórias estejam contidas de experiências e vivências boas e ruins, essas recordações do passado, são relativizadas

² Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, pela senhora Antônia Modesto de Matos, em 11/03/2016, proprietária da Casa Nordestina, natural de Assaré- CE.

³ Ibidem.

⁴ Ibidem.

pelo presente e sofrem um deslocamento de significados, ou seja, os sentidos e valores se transformam, não há vencidos, nem vencedores, como bem refletido e explanado por Montenegro (2006, p. 63), “[...], recordar é narrar as lições de vida, nas derrotas nas vitórias ou mesmo naquelas ocasiões em que a peleja ou o combate não exigem um vencedor ou perdedor”.

O senhor César e a senhora Antônia, migram várias vezes, passam algum tempo em Vicentina-MT-MS, tempos depois mudam para Alta Floresta-MT, trabalham nos garimpos da região, vendem roupas e acessórios. Retornam a Mato Grosso do Sul em 1981 e fixam residência em Dourados-MS. Oito anos depois de instalados na cidade, fundam a Casa Nordestina (1989), no momento da fundação, o casal não está preocupado com a preservação e nem a salvaguarda da cultura nordestina, mas, utilizam alguns elementos dessa cultura, como forma de garantir uma renda e se estabilizarem economicamente na cidade.

Na narrativa da senhora Antônia fica claro a ideia de criar a Casa Nordestina: “Aí, eu inventei, pensei de fazer buchada, por Casa Nordestina aqui, construí um salãozinho. Ali, era só um salãozinho. [A narradora mostra onde era o salão]. E relembra que na ocasião falou para o esposo, senhor César: “Vamos fazer buchada e vamos montar uma Casa Nordestina aqui”⁵. Vemos neste pequeno trecho do relato a imagem de uma mulher, mãe, esposa, dona de casa, mas, que não tem nenhum traço de insignificância, pelo contrário é “ativa e resistente, guardiã das subsistências, administradora do orçamento familiar, no centro do espaço urbano”, utilizando palavras de Michelle Perrot (2006, p. 172). Constatamos, que as ideias, as decisões e o trabalho da senhora Antônia, foram determinantes em vários momentos de sua vida, isso contribuiu

significativamente para a família alcançar estabilidade financeira.

Dessa maneira, a narradora ao procurar um meio que garantisse a sobrevivência sua e de sua família, foi a mentora na criação da Casa Nordestina e ao pôr em prática outra de suas ideias, inserir a buchada, pratos típicos da região nordeste, no cardápio da Casa Nordestina, contribui para a divulgação da cultura do Nordeste na cidade. Ela recorda que após decidir fazer a buchada para oferecer aos frequentadores da casa, conta com ajuda da mãe, pois, não sabe a receita: “Ai, fui buscar a mamãe lá em Vicentina, compremo um carneiro lá, trouxemos pra cá e mamãe fez aquela buchada com aquele carneiro, e daquele dia em diante eu também comecei a fazer”⁶. Esta declaração mostra que a preservação de saberes e conhecimentos de práticas culturais imateriais, passam efetivamente a ser coletivas ou partilhadas quando há interesse por parte de sujeitos integrantes de grupos ou de famílias que detêm esse conhecimento. Observamos, que neste caso específico, esse interesse foi acionado a partir da necessidade financeira presente na vida da entrevistada, independente disso, a buchada elaborada pela senhora Antônia, passa a ser um dos elementos representativos da cultura nordestina na cidade de Dourados-MS.

Outra constatação relevante é o fato da receita ser passada de mãe para filha, há aqui uma continuidade na transmissão do conhecimento, embora, como já explanamos, gerada pela necessidade financeira, ainda assim, é um “legado vivo”, de acordo com palavras de Pellegrini (2007, p. 88) “que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras, admitimos que o patrimônio é historicamente construído e conjuga o sentido de pertencimento dos indivíduos a um ou mais grupos”. Nesse sentido,

⁵ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, pela senhora Antônia Modesto de Matos, em

11/03/2016, proprietária da Casa Nordestina, natural de Assaré- CE.

⁶ Ibidem.

salientamos que esse elemento da culinária nordestina, a buchada, passa a representar os migrantes nordestinos, fortalecendo seus vínculos identitários com o grupo e com a região de onde saíram, o Nordeste, promovendo, assim, a união desses sujeitos sociais que compartilham de histórias semelhantes.

Todavia, não podemos cair em generalizações sobre o patrimônio imaterial, seja, individual ou coletivo, nem todos os elementos culturais trazidos na memória ou naquele velho caderno de receitas, são praticados no dia a dia ou apreciados por todos, mas, nem por isso deixam de ser aceitos como elementos culturais, com valores simbólicos e representativos de determinados grupos ou comunidades. As palavras da senhora Zélia corroboram nesse sentido:

[...], eu não como buchada, eu não gosto de buchada, sou do Nordeste, mas, não me deve nada. Buchada não me deve nada. Eu prefiro o Cabrito. Eu prefiro o bode, o cabrito, sei lá, eu sou do carneirinho. Eu faço aquele tipo sarapatelzinho, mas buchada, aquele negócio, desde criança nunca comi, [...]. Você reúne as pessoas e faz a buchada, faz o carneiro no molho. Aqui que fazem muito [carne] assada, né. Lá [no Nordeste] é no molho, carne ensopada, salame de cuscuz, pirão da buchada é muito gostoso.⁷

Observamos na narrativa uma rejeição à buchada, no entanto, contatamos a que a narradora valoriza e aprecia outros pratos da culinária nordestina, como também mantém certos hábitos alimentares adquiridos em sua terra natal, Saloá-PE, e faz questão de citá-los, “Eu faço aquele tipo de sarapatelzinho”. Isso nos leva a concluir

que o patrimônio cultural material ou imaterial, de um país, região ou comunidade, carregam em si, sentidos e significados, entretanto, não são iguais para todos. Portanto, a valorização e a apreciação e até a conservação desses “bens” dependem das características e sentidos atribuídos a eles a partir da prática de grupo ou comunidades. As explanações de Cardoso e Vainfas (2012, p. 16), vem ao encontro as nossas considerações:

Os significados são um atributo da realidade, mas só adquirem vida quando são ativados pela prática, que os formula social e culturalmente; já a produção de significações ocorre no cruzamento, na tensão ou na negociação entre estruturas e representações. Os interesses não afloram na consciência por si mesmos, mas fazem-no mediante disposições culturais dos indivíduos, e a experiência ajusta interesses e condutas. Existe uma mediação simbólica. A cultura não é um mero reflexo, mas sim uma instância em si mesma a ser considerada, além de ser dinâmica.

Diante do exposto, consideramos que a Casa Nordestina, a buchada, o forró e a cachaça, vão adquirindo outros sentidos e agregam valores simbólicos, a partir do momento que começam a ser praticados e aceito pelos migrantes nordestinos. A buchada, por exemplo, passa a fazer parte do cardápio dos nordestinos e não nordestinos da cidade e quicá da região, por dezoito anos. Na fala do senhor Antônio Ceará, uns dos frequentadores da Casa Nordestina, vemos o apreço à iguaria: “Ainda bem que ela fazia umas buchada, né. Mais, era muito boa, muito boa”.⁸

⁷ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, em 11/03/2016, pela senhora Zélia Borges, natural de Saloá-PE, esposa do primeiro presidente eleito do CTN, Sidrône Ângelo Borges.

⁸ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, em 18/11/2016, pelo senhor Antonio Rogério da Silva, conhecido pela alcunha de Ceará, originário da cidade de Aurora-CE,

Assim, a Casa Nordestina, adquiriu valor simbólico e significativo para os migrantes nordestinos e descendentes como lugar de comer buchada, tomar uma cachaça do Nordeste e dançar o forró, torna-se um lugar de matar a saudade da terra natal, como também, lugar de encontros e de uma boa conversa entre conterrâneos, ou seja, lugar de memórias.

As práticas culturais das mulheres nordestina na consolidação do CTN

O CTN, foi criado em 1994, com o intuito de salvaguardar ou “resgatar”, segundo alguns narradores, a cultura nordestina, assim, fundam a instituição e buscam através de seus eventos fortalecer a identidade nordestina, bem como, combater preconceitos e conquistar visibilidade social. Para tanto, um grupo pequeno de migrantes, composto por sete famílias, inicialmente, unem-se com esse propósito.

O primeiro evento da instituição aconteceu por iniciativa dos proprietários da Casa Nordestina, na festa Junina promovida pela prefeitura Municipal de Dourados, montam uma barraca, e, segundo as palavras do senhor César: “foi 96... em 97, eles [a instituição] montaram uma barraca. Aí, nós fomo trabalha, eles montaram a barraca e a comida nossa”⁹. Observamos, que as atividades do CTN iniciam por iniciativa dos proprietários da Casa Nordestina, além disso, os pratos oferecidos na barraca da festa junina, foram elaborados pela senhora Antônia, o que lhe confere, mais uma vez, o título de guardiã dos saberes da culinária nordestina. Diante disso, fica claro que essas práticas culturais estão associadas diretamente ao conhecimento, o qual tem

características fundamentais que podem contribuir para mudanças sociais.

Essas mudanças podem ser observadas a partir desse evento, promovido pelo CTN com a cooperação da a Nordestina, verificamos pelas narrativas orais, que houve um engajamento maior dos integrantes da instituição, esta passa a promover jantares para os migrantes nordestinos, com o objetivo de trazer-los para dentro da instituição. Célia Maria relembra o momento em que passou a fazer parte do CTN, diz ela: “Então, o CTN, veio assim, quando a gente conheceu o Acelino, não lembro bem como, [...]ele frequentava também a Casa Nordestina, aí conhecemos o Acelino. O Acelino tocava na Casa Nordestina, já, antes”¹⁰, para melhor esclarecer, o “antes”, apuramos que o senhor Acelino começou a frequentar a Casa Nordestina no início dos anos de 1990 e a narradora em meados da mesma década.

O convite para fazer parte do CTN, ocorreu de um encontro na Casa Nordestina, com o senhor Acelino e com o senhor Sidrone (tio da entrevistada), ambos exerceram o cargo de presidente da instituição. Célia Maria, conta que o convite foi feito da seguinte forma:

Olha, nós precisamos de gente, né. Pra representa, pra divulga. Aí, entro eu, meu marido já entro junto, também, já entro minha mãe, minhas irmãs. E, assim, aí nós fomos, começamos faze um evento aqui, faze um avento ali, era quatro ou cinco eventos por ano. Muito trabalho, nós íamos pra cozinha, a gente trabalhava, a gente atendia todo mundo, dançava. Voltava pra

⁹ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, em 11/03/2016, pelo senhor César Gomes de Matos, proprietário da Casa Nordestina, natural de Assaré-CE, residente em Dourados desde 1971. Atuou como membro da diretoria do CTN.

¹⁰ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, em 10/01/2017, pela senhora Célia Maria, em membro da diretoria do CTN, exerceu as funções de tesoureira, vice-presidente, entre outras funções. Nasceu em Saloá-PE, reside na cidade de Dourados desde 1981.

cozinha¹¹.

Podemos destacar dois pontos nessa declaração; primeiro, que o CTN se torna um empreendimento familiar, onde há uma cooperação mutua, uma junção de ideias e esforço coletivo com o propósito de divulgar a entidade. Segundo; que a participação das mulheres é fundamental e relevante, seja exercendo cargos na direção da entidade, seja, na escolha do cardápio, a preparação dos pratos servidos nessas ocasiões – jantares e almoços – sempre embaladas pelo ritmo do forró pé de serra.¹²

Na declaração da senhora Zélia confirmamos esse espírito cooperativo:

Olha, eu pegava panela do [da Escola Estadual grifos meus] Reis Veloso com Elizabeth [Azambuja], era a Azambuja que era a diretora, emprestava panela, emprestava..., Depois todo mundo ajudava. Até quem não era nordestino ajudava a gente, os nordestinos¹³.

Verificamos que esses eventos; almoços, jantares e participações nas festas juninas do município, ocorriam com certa frequência, desde o final da década de 1990, início do ano de 2000, nessas ocasiões eram oferecidos alguns pratos típicos da comida nordestina e o forró, as receitas provinham das práticas culinárias individuais das migrantes nordestinas, que nesses momentos se uniam e compartilhavam esses saberes. Isso pode

ser constatado na narrativa da senhora Zélia ao falar das festas do CTN:

Nós fazemo a cabotiã, que é aquela tradicional, depois nos fazemos, sarapatel, baião de dois, a salada de verdura e a carne e a mandioca, que lá [no Nordeste] chama macachera. Lá [no Nordeste] nos usamo muito assim, a manteiga de garrafa. Porque a carne de sol lá [no Nordeste], a gente passa um poco na manteiga e quando assa, ela dá uma tostadinha, [fica] vermelha, porque ela vai no fogo pocos minutos, ela já, em seguidinha ela apronta¹⁴.

Nesse sentido, ressaltamos que esses elementos das práticas culturais individuais, quando aceitas pelo grupo, passam a ser pensadas de forma homogênea, como se esses indivíduos fossem originários de um mesmo espaço regional, sem distinção econômica, social ou cultural, dessa forma, incorporam um “capital simbólico”, reafirmando identidades, fortalecendo vínculos e passam a representar socialmente o grupo, ou seja, esses indivíduos ao partilhar de um objetivo comum, partilham também de uma mesma história, diluindo as possíveis diferenças.

Na fala de Célia Maria, é perceptível o resultado desse compartilhamento de experiências e vivências: “Parece que os nordestinos vão se encontrando e vão se juntando, criando, tipo, uma família”¹⁵.

¹¹ Ibidem.

¹² Em meados da década de 1940, no Nordeste, surgiu o famoso Forró Pé de Serra. A principal característica desse ritmo é que ele possui como fonte de inspiração o universo rural do sertanejo. É o forró tradicional e, geralmente, esse ritmo é tocado por trios de zabumba, além de sanfona e triângulo. No Brasil, o Forró Pé de Serra é representado por vários artistas. É possível destacar: Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Dominguinhos, Genival Lacerda e Adlemario Coelho. Informações disponíveis em: <http://www.oe10.com.br/noticia/Dw4NDAsKCOqHBgUEAwIBANvNqrB2HY-p1eBjMJxqGYs./dois_por_dois_forra_nordestin

[o_a_destaque_nas_festas_juninas>. Acesso em: 12/06/2017.](#)

¹³ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, em 11/03/2016, pela senhora Zélia Borges, natural de Saloá-PE, esposa do primeiro presidente eleito do CTN, Sidrone Ângelo Borges.

¹⁴ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, em 11/03/2016, pela senhora Zélia Borges, natural de Saloá-PE, esposa do primeiro presidente eleito do CTN, Sidrone Ângelo Borges.

¹⁵ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, em 10/01/2017, pela senhora Célia Maria, em membro da diretoria do CTN, exerceu as funções de tesoureira, vice-presidente, entre outras

No ano 2000, o CTN, investe esforços em uma festa de maior abrangência, a FESTSOL – Festa da Carne de Sol. Esta festa passa a fazer parte do calendário anual da entidade, ocorre normalmente no mês de outubro. Na narrativa da senhora Simônia¹⁶, verificamos os objetivos da festa:

O CTN [...], foi criado, pra realmente divulgar a cultura nordestina, né. Então, até hoje a gente pretende não deixar o povo esquecer, né. E para a sociedade [grifos meus] apreciá, tanto a culinária nordestina, que é em poucos lugares que você encontra; comida e a dança. Pelo menos uma vez no ano isso é garantido. O povo fala a FESTSOL é tal mês, então, é sagrado isso.

Vale ressaltar que o principal objetivo da instituição nos anos iniciais de suas atividades; era o de unir os migrantes nordestinos em prol de um bem comum, conquistar equilíbrio financeiro através dos eventos e assim, construir a sede da instituição para proporcionar uma interação maior entre a comunidade nordestina local e regional, ou seja, um lugar em que os conterrâneos nordestinos pudessem confraternizar, interagir e trocar experiências vividas, além disso, degustar os pratos da culinária nordestina, dançar um forró, como forma de matar a saudade da terra natal. Na fala da senhora Zélia essa intenção, quando fala do desejo de seu esposo, senhor Sidrone, presidente do CTN, de 1996 a 2000:

Ele queria ter uma sede, porque, nós estamos sempre assim, desatasanado, sem direção [grifos meus], cada vez [as festas ou os

funções. Nasceu em Salóá-PE, reside na cidade de Dourados desde 1981.

¹⁶ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, pela senhora Simônia Siqueira Silva, secretária do CTN, nasceu em Salóá. PE, chegou em Dourados em 1984. Em 20/02/2016.

¹⁷ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, em 11/03/2016, pela senhora Zélia Borges, natural

jantares] era num cantinho, nós não tinha onde faze uma reunião e tendo um lugarzinho nosso, já era bom, cada semana fazer um almocinho lá, nesse lugar ou fazer na janta, sabe, assim, reunir [os nordestinos] naquele lugar, era uma coisa boa¹⁷.

Em outro momento da entrevista, contatamos a união e o trabalho desse grupo de migrantes nordestinos, para alcançar esse objetivo: “Porque olha nós lutamo, nós fazemos esses almocinho, arrecadava esse dinheirinho e tudo essas coisas, nós trabalhava dava sangue. Hoje em dia não, eles fazem, pagam tudo. Entendeu, não tem mais aquela juntar aquelas pessoas”¹⁸. Esse relato, além de demonstrar a união dos integrantes da instituição, demonstra o trabalho das mulheres na elaboração dos pratos servidos nos almoços. Demonstra também, uma das mudanças pelas quais passou o CTN, essa mudança é confirmada nas palavras da senhora Simônia: “[...], mas, tudo é pago, aluguel, cozinheira, mão de obra em si, né. A mão de obra em si, porque você não faz a festa sozinha. Isso porque tem uma diretoria que trabalha muito”¹⁹.

Diante disso, podemos concluir que o CTN passou por mudanças significativas, quando incluem a FESTSOL no calendário de suas atividades, a entidade passa a direcionar suas atividades para fora do grupo, no sentido de conquistar visibilidade social. Outrossim, essas mudanças incluem às relacionadas a participação das mulheres integrantes do grupo, as que participaram das atividades no período inicial, elas declaram que “deram o sangue” para que

de Salóá-PE, esposa do primeiro presidente eleito do CTN, Sidrône Ângelo Borges.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, pela senhora Simônia Siqueira Silva, secretária do CTN, nasceu em Salóá. PE, chegou em Dourados em 1984. Em 20/02/2016.

a instituição se consolidasse, a segunda geração, composta por pessoas mais jovens, são portadoras de outros ideais, compactuam com os ideais da nova diretoria; um dos objetivos é atingir as classes sociais mais elevada da sociedade douradense, das quais os integrantes tem relações pessoais ou fazem parte. Embora, essa nova geração de migrantes e descendentes de nordestinos, participe na organização das festas, não participam na elaboração dos pratos, de certa forma essa tarefa continua sendo exercida pela geração anterior que escolhe o cardápio e gerencia a elaboração dos pratos preparados a partir de suas receitas. Essas receitas, embora, originárias das práticas culinárias das migrantes nordestinas, são preparadas atualmente por empresas particulares que atuam no ramo de alimentação, os denominados Buffets.

Mesmo diante das mudanças de objetivos, ao longo de seus vinte e dois anos de existência, constatamos que o CTN, contribuiu para disseminar a cultura nordestina, ampliar o conhecimento sobre a região Nordeste, e, de certa forma combateu certos tipos de preconceitos.

Considerações finais

Atualmente, estes dois lugares se estabeleceram e se consolidaram no cenário municipal e regional de forma distinta. A Casa Nordestina, oferece a seus frequentadores toda sexta feira, o forró, além das cachaças fabricadas no Nordeste, e oferece esporadicamente a buchada e o sarapatel, comidas típicas muito apreciadas pelos migrantes nordestinos e outras pessoas da cidade de Dourados-MS e da região. O CTN, além das participações nas festas juninas promovidas pela Prefeitura Municipal de Dourados, em anos anteriores, promove, desde o ano 2000, a FESTSOL – Festa da Carne de Sol, na festa oferecem almoço com comidas típicas da região nordeste e o forró pé de serra.

Concluimos que a Casa Nordestina e o CTN, promoveram,

através das iguarias preparadas pelas migrantes nordestinas – portadoras e perpetuadoras desses saberes –, servidos nos eventos, a divulgação da cultura nordestina, com isso, garantiram a participação nas festas locais, conquistaram um lugar no espaço da sociedade local. Isso contribuiu também, para a ascensão social, e, de certo modo confere ao grupo certo prestígio e *status* social, fortalecendo a identidade e a representatividade dos migrantes nordestinos na cidade.

Ressaltamos, que a contribuição das migrantes nordestinas foi decisiva na trajetória dos estabelecimentos supracitados, no que tange a união de um grupo social distinto e a preservação de tradições, sendo inventadas ou não, essas tradições, serviram de suporte para unir sujeitos sociais, com costumes, crenças e valores dissemelhantes, em torno de um objetivo maior, a construção de uma representatividade social do migrante nordestino, isso contribuiu sobremaneira com o combate ao preconceito e à discriminação.

Referências

CARDOSO, Ciro F. VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Elieser. Rio de Janeiro. 2012.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988, art. 215, art. 216: Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_216.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2017.

PELLEGRINI, Sandra C. A. **O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007 p. 87.

MONTENEGRO, Antonio. T. **História, metodologia e memória**. ed. Contexto. São Paulo-SP, 2010.

SAYAD, Abdemalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. EDUSP - Ed. Universidade de São Paulo – São Paulo. SP. 1998.

Entrevistas utilizadas

Entrevista cedida à Clecita M. Moises, pelo senhor Acelino R. de C., em 05/07/2014.

Disponível no formato digital: MP3.

Entrevista cedida a Clecita Maria Moises pelo Acelino R. de C., em 16 dez. 2015. Disponível no formato digital: MP3.

Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, pelo senhor César e senhora Antônia - Casa Nordestina, em 11/03/2016. Disponível no formato digital: MP3.

Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, pelo senhor Antônio – Ceará, em 18/11/2016.

Disponível no formato digital: MP3.

Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, pelo senhor Luciano, 11/03/2016. Disponível no formato digital: MP3.

Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, pela senhora Simônia, em 20/02/2016. Disponível no formato digital: MP3.

Entrevista cedida a Clecita Maria Moises, pela senhora Zélia, em 11/03/ 2016. Disponível no formato digital: MP3.